

A UNIÃO RIOBRANQUENSE DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS (URES), O INTERACIONISMO SIMBÓLICO E A VIRADA DECOLONIAL

The Riobranquense Union of Secondary Students (URES), Symbolic Interactionism and the Decolonial Turn.

La Unión Riobranquense de Estudiantes de Secundaria (URES). el interaccionismo simbólico y el giro descolonial

Paulo Thadeu Franco das Neves¹

RESUMO

O Movimento Estudantil brasileiro nas palavras de Poener (1979, p. 40,55), se tornou quase um barômetro da vida política no país. As primeiras manifestações que se tem registro desse movimento, ainda datam do período colonial brasileiro, a expulsão do invasor francês do Rio de Janeiro e a Inconfidência Mineira. O movimento estudantil em alguns casos do contexto político nacional, se torna a vanguarda dos movimentos sociais, como é o caso da União Riobranquense dos Estudantes Secundaristas, organização estudantil fundada em 27 de julho de 1952, no então Território Federal do Rio Branco, recém desmembrado do estado do Amazonas. O interacionismo simbólico do movimento estudantil é apresentado nesse período para compreensão de diferentes aspectos da vida organizacional e vivenciados pelos estudantes riobranquenses. O isolamento social vivido pela URES na década de 60, provocou um afastamento da pauta nacional dos estudantes liderados por organizações como a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas - UBES e a União Nacional dos Estudantes - UNE. Isso fez com que a organização local tivesse uma pauta própria e criasse um discurso próximo ao nacionalismo, anti-imperialista e as vezes anti-comunista, como os relatos obtidos através do o jornal "O Estudantil", impresso da URES que circulou de 1960 a 1964. O giro decolonial do pensamento e ações com uma pauta mais revolucionária e estudantil se dar somente décadas depois com a reconstrução da URES ocorrida em outubro de 1988, já como Território Federal de Roraima e posterior elevado a condição de estado de Roraima. Esse estudo serve de pressuposto para

¹Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Mestrado em Comunicação - Universidade Federal de Roraima - PPGCOM. Possui graduação em Comunicação Social habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Roraima - UFRR (2004). É especialista em Fundamentos da Filosofia: Conteúdo e Método pela Universidade Estadual de Roraima UERR (2018). Email:paulothadeu.rr@hotmail.com.

conceituar as diversas atuações do movimento estudantil riobranquense naquele período de revoltas e agitações políticas bem na véspera do golpe empresarial - militar de 1964.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos sociais; Movimento estudantil; Imprensa alternativa; Interacionismo simbólico; Virada decolonial.

ABSTRACT

The Brazilian Student Movement, in the words of Poener (1979, p. 40,55), has become almost a barometer of political life in the country. The first recorded manifestations of this movement still date from the Brazilian colonial period, the expulsion of the French invader from Rio de Janeiro and the Inconfidência Mineira. The student movement in some cases of the national political context, becomes the vanguard of social movements, such as the Riobanquense Union of Secondary Students, a student organization founded on July 27, 1952, in the then Federal Territory of Rio Branco, recently dismembered of the state of Amazonas. The symbolic interactionism of the student movement is presented in this period to understand different aspects of organizational life and experienced by students from Rio de Janeiro. The social isolation experienced by URES in the 60s caused a departure from the national agenda of students led by organizations such as the Brazilian Union of High School Students - UBES and the National Union of Students - UNE. This meant that the local organization had its own agenda and created a discourse close to nationalism, anti-imperialist and sometimes anti-communist, as the reports obtained through the newspaper "O Estudantil", printed by the URES that circulated from 1960 to 1964. The decolonial turn of thought and actions with a more revolutionary and student agenda took place only decades later with the reconstruction of the URES that took place in October 1988, as the Federal Territory of Roraima and later elevated to the status of a state of Roraima. This study serves as a presupposition to conceptualize the various actions of the Rio Branco student movement in that period of revolts and political upheavals right on the eve of the business-military coup of 1964.

KEYWORDS: Social Movements; Student movement; Press; Symbolic interactionism; Decolonial turn.

RESUMEN

El Movimiento Estudiantil Brasileño, en palabras de Poener (1979, p. 40,55), se ha convertido casi en un barómetro de la vida política del país. Las primeras manifestaciones registradas de este movimiento aún datan del período colonial brasileño, la expulsión del invasor francés de Río de Janeiro y la Inconfidência Mineira. El movimiento estudiantil en algunos casos del contexto político nacional se convierte en la vanguardia de movimientos

sociales, como la Unión Riobanquense de Estudiantes de Secundaria, organización estudiantil fundada el 27 de julio de 1952, en el entonces Territorio Federal de Rio Branco, recientemente desmembrado de el estado de Amazonas. El interaccionismo simbólico del movimiento estudiantil se presenta en este período para comprender diferentes aspectos de la vida organizacional y vivida por los estudiantes de Río de Janeiro. El aislamiento social vivido por URES en los años 60 provocó un alejamiento de la agenda nacional de estudiantes liderada por organizaciones como la Unión Brasileña de Estudiantes de Secundaria - UBES y la Unión Nacional de Estudiantes - UNE. Esto significó que la organización local tenía su propia agenda y generaba un discurso cercano al nacionalismo, antiimperialista y en ocasiones anticomunista, como los informes obtenidos a través del diario "O Estudantil", impreso por la URES que circuló de 1960 a 1964. El giro decolonial del pensamiento y las acciones con una agenda más revolucionaria y estudiantil se dio sólo décadas después con la reconstrucción de las URES que tuvo lugar en octubre de 1988, como Territorio Federal de Roraima y luego elevada a la categoría de estado de Roraima. Este estudio sirve como presupuesto para conceptualizar las diversas acciones del movimiento estudiantil de Rio Branco en ese período de revueltas y convulsiones políticas en vísperas del golpe empresarial-militar de 1964.

PALABRAS CLAVE: Movimientos sociales; Movimiento estudiantil; Prensa; Interaccionismo simbólico; Giro decolonial.

Introdução

A imprensa alternativa sempre foi motivo de estudos por parte de diversas correntes políticas. O jornal impresso bastante usado pelos movimentos sociais, teve o movimento operário, esse protagonismo na imprensa social, conforme apontou RODRIGUES (1997, p.37) ao destacar a importância da leitura dos impressos alternativos para poder conhecer com os próprios olhos a história desses movimentos.

(...) Esses jornais, que foram o maior esforço até hoje feito no Brasil para produzir informação e cultura fora das mesas do poder (RODRIGUES, 1997, p. 37).

Nesse contexto, destacamos a imprensa estudantil, como fonte de registro dos principais relatos diários de um grupo social, seja no dia a dia da escola, faculdade ou ações reivindicatórias das organizações estudantis.

É o caso do jornal O Estudantil, órgão de divulgação das ações da União Riobranquense dos Estudantes Secundaristas - URES, que circulou no período de 1960 a 1964.

Foram poucas as guinadas do movimento estudantil riobranquense nas décadas de 50 e 60 em atos reivindicatórios contra o Governo local. Em alguns momentos a URES usava o seu jornal para demonstrar total elogios a políticos locais como prefeitos e governadores, além da elite local formada por comerciantes e fazendeiros.

Segundo NEVES (2012, p.69), os impressos da URES conseguiram levar essa mensagem de mobilização e rebeldia para toda a juventude riobranquense, dentro da sua forma, do seu jeito e na sua época, seja com mensagens nacionalistas, esquerdistas ou conservadoras.

1 Teoria dos Movimentos Sociais

Quando falamos de movimentos sociais, falamos de uma grande rede. Essa grande rede segundo MILHOMENS & GOHN, é composta por atores locais, regionais, nacionais e internacionais. [Organizados por diretrizes e bandeiras

que são similares, mas não necessariamente iguais] (MILHOMENS & GOHN, 2018, p. 259).

Nessa perspectiva três correntes se destacam na chamada teoria dos movimentos sociais, que segundo GOHN (1997, p.26), essas correntes se caracterizam em: Escola de Chicago e alguns interacionistas simbólicos, sociedade de massas e variáveis políticas.

1-A Escola de Chicago e alguns interacionistas simbólicos do início deste século. Como um dos produtos desta corrente temos a primeira teoria sobre os movimentos sociais, no trabalho de Herbert Blumer (1949). 2- A segunda corrente desenvolveu-se ao longo dos anos 40 e 50, com as teorias sobre a sociedade de massas de Eric Fromm (1941), Hoffer (1951) - também militante de movimento social - e K. Kornhauser (1959). Este último exerceu forte influência sobre algumas produções posteriores; ele caracterizava os movimentos como formas irracionais de comportamento e os considerava ante-modernos. 3- A terceira corrente predominou nos anos 50 com um forte acento em variáveis políticas e está presente nos trabalhos de S. Lipset (1950) e Heberle (1951). Ela articulava as classes e relações sociais de produção na busca do entendimento tanto dos movimentos revolucionários como da mobilização partidária, do comportamento diante do voto e do poder político dos diferentes grupos e classes sociais (GOHN, 1997, p. 26).

Dentro dessa análise, a primeira apresentada por GOHN, a da Escola de Chicago e alguns interacionistas, é a que se aproxima do estudo aqui proposto através do jornal O Estudantil, órgão noticioso da União Riobranquense dos Estudantes Secundaristas.

A própria Escola de Chicago e os interacionistas, apresentam os movimentos sociais como reações psicológicas às estruturas de provações socioeconômicas, como destacou GOHN (1997, p.27), ao afirmar que essa escola tinha uma orientação reformista ao promover a reforma social de uma sociedade convulsionada em direção a um caminho harmonioso e estável. A produção teórica, apresenta vários teóricos. Mas em relação ao objeto de estudo, destacamos Herbert Blumer (1939).

Considerado como um grande teórico dos movimentos sociais na abordagem clássica do paradigma-americano, BLUMER (1939) definiu os movimentos sociais como empreendimentos coletivos

para estabelecer uma nova ordem de vida.
(GOHN,1997, p. 31).

O movimento estudantil riobranquense na década de 1960, através de suas ações, como bem destaca as edições do jornal O Estudantil analisadas, promoveu esse processo de organização, estruturação e a busca de um espaço territorial que superasse o total isolamento vivido naquela época pelos estudantes do Território Federal do Rio Branco.

Os movimentos divididos por BLUMER (1939) foram em três categorias: genéricos, específicos e expressivos. Fazendo uma relação com a proposta de estudo da União Riobranque dos Estudantes Riobranquenses, a primeira categoria apresentada, representa essa pesquisa quando da inclusão do movimento operário, dos jovens, das mulheres e pela paz. Ao fazer referência aos jovens, BLUMER (1939) sem fazer citação específica, aproxima os estudantes dentro dessa afirmação.

(...) Isso por que cada tendência cultural tem, atrás de si, um desejo de mudança que está na cabeça das pessoas, em suas ideias, particularmente em

relação à concepção, de si próprias, de seus direitos e privilégios, o que pode levá-las a desenvolver de si próprias, de seus direitos e privilégios, o que pode levá-las a desenvolver novas crenças e pontos de vista a ampliar os já existentes, numa emergência de novas escalas de valores a influenciar a forma de como as pessoas passam a olhar para si próprias.(GOHN, 1997, p. 32).

Ou seja, com a proposta de BLUMER (1939), o movimento estudantil se classificaria como genérico. Tendo uma ordem central incentivadora, representada culturalmente pelas organizações nacionais como UBES e UNE, mas acaba estabelecendo uma concepção individual a respeito de sua posição de vida, gerando insatisfação. O isolamento vivido pelos estudantes do Território do Rio Branco nos anos 50, causado pelos períodos da seca e com a falta de alimentos, colocavam a pauta regional, acima de qualquer reivindicação do movimento estudantil nacional.

Para Gohn (1997, p.32), em resumo, os movimentos sociais seriam o resultado de mudanças que operariam num âmbito individual, e no plano psicológico. Tais mudanças provocariam as motivações

para o surgimento dos movimentos sociais genéricos, classificados na primeira categoria já assinalada.

Conforme (GOHN,1997, p.32),

(...) Uma das características mais importantes dos movimentos genéricos é o fato de serem indicadores de direção. Quando surgem, seriam desorganizados e teriam objetivos vagos. (...) Eles teriam caráter episódico e de poucas manifestações. Seus líderes as teriam papel importante não tanto no controle sobre os movimentos sociais, mas no sentido de serem portadores de novas vozes, pioneiro, muitas vezes até sem seguidores ou objetivos muito claros. (GOHN, 1997, p. 32).

2 O Movimento Estudantil Roraimense e Brasileiro

O Movimento Estudantil Brasileiro é dito pelo escritor Artur José Poener (1979) como a forma mais adiantada e organizada que a rebelião da juventude assume no Brasil (POENER,1979, p.47). Mesmo tendo a sua organização maior, a UNE, fundada somente em 1937, os estudantes brasileiros têm um passado de ações documentadas ainda no Brasil Colônia.

Os escritores Olavo Bilac e Coelho Netto (1931) em seu livro Contos Pátrios, cita que a primeira manifestação

estudantil registrada pela história brasileira ocorreu em 1710, quando da invasão de cerca de mil soldados franceses no Rio de Janeiro e um grupo formado por maioria de estudantes, expulsou os invasores da cidade,

(...) Eram quase todos estudantes. Nunca se havia batido, não tinham disciplinas; mas sabiam que iam morrer, defendendo a sua cidade, e essa certeza de um fim glorioso lhes acendia na alma uma coragem suprema. Haviam sido unidos pela voz ardente de Gurgel do Amara, um moço também, que resolvera salvar o Rio de Janeiro, quando os encarregados de sua guarda o abandonavam à sanha do estrangeiro. E ali estavam, para morrer, sem arredar pé. A expedição francesa parou atônita, olhando a falange dos moços estudantes. E, antes que Du Clerc desse o sinal do ataque, já eles o atacavam, de surpresa, arrojando-se irrefletidamente. Possuíam apenas uma ou outra espingarda. Por isso mesmo, apressaram o ataque, que se fez à arma branca, com uma bravura louca a que os impelia o desespero. Os franceses mal puderam resistir ao primeiro choque. Aquela mocidade robusta e alucinada, a que o amor da Pátria dava forças sobre-humanas, combatia cega, delirante, sem cuidar de regras e leis de batalha. Os dois exércitos se misturaram; separaram-se de novo. Poucos minutos bastaram pra que, perdida a calma diante daquele assalto espantoso, vendo os seus caírem retalhados de golpes terríveis, a coluna de Du Clerc fugisse em debandada. Então, acossados pelos estudantes vitoriosos, os invasores se encurralaram num trapiche, que havia na extremidade da rua. E, logo os

vencedores estabeleceram em tono deles um sítio rigoroso (BILAC & NETTO, 1931, p. 20).

E assim começava a organização dos estudantes em terras brasileiras passando ainda pela fundação das primeiras universidades, pelas campanhas abolicionistas e republicana e pela primeira e segunda república como descrito por Poener (1979).

A organização da União Nacional dos Estudantes (UNE) e depois da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), em 1948, movimentou o país, ocasionando a fundação da União Riobranquense dos Estudantes Secundaristas (URES) em 1952.

Conforme Neves (2012, p. 47), no período de sua fundação, até o ano de 1964 quando todo o Movimento Estudantil foi proibido de atuar em virtude do golpe empresarial-militar, o relato é que somente a URES atuava como movimento social no então Território Federal do Rio Branco.

Esse período, de 1960 a 1964, é considerado por várias lideranças estudantis, como o tempo em que o movimento estudantil se projetou no cenário político local e em alguns

momentos, se tornou a vanguarda de reivindicações não só dos estudantes, mas como de toda a população do território (NEVES, 2012, p. 47).

Ao falar da importância enquanto Movimento Social naquele período percebemos que o Movimento Estudantil tinha a sua representatividade no Território Federal do Rio Branco. O seu protagonismo deriva de ser a única organização da sociedade civil em atividade no momento. Mesmo assim a pauta era mais local, vinculada as necessidades dos estudantes, do que a apresentada pelas organizações nacionais, como a UNE e a UBES, com temáticas mais políticas e ideológicas.

Ainda segundo Neves (2012, p. 47),

(...) Em 1961, os estudantes denunciaram a crise pela qual passava a capital Boa Vista, em decorrência da falta de chuva na localidade impossibilitando a ligação fluvial com o resto do país. É nesse período que o movimento estudantil realiza uma série de manifestações contra o aumento no preço da carne bovina, no preço do cinema e a favor da unificação na seleção dos livros a serem adotados nas escolas.

A URES tinha sua pauta local bem diferente da pauta nacional em um

período em que as reivindicações estudantis estavam entrelaçadas com o movimento operário sindical e partidário. Conforme Poener (1979, p.188), "(...) a ação popular (AP) surgiu por volta de 1960, de uma dissensão entre o grupo estudantil da JUC (Juventude Universitária Católica) e a hierarquia católica. A AP sustentava que não existia no Brasil, um partido revolucionário".

Enquanto o debate e a disputa política tomavam conta do movimento estudantil nacional na década de 1960, no Território Federal do Rio Branco, a luta era pela sobrevivência alimentar. "(...) Nas margens dos rios presenciamos dramas dos mais chocantes, quando à busca do peixe, centenas de pessoas ali ficam lamentando a situação crítica e bastante faminta de nossa cidade" (CRISE. O ESTUDANTIL, Boa Vista, 28, maio, 1961).

Conforme Neves "(...) O Jornalista Galvão Soares, afirma que grande parcela dos estudantes secundaristas daquela época não se envolvia diretamente nas questões políticas partidárias". (NEVES,2012, p. 82).

Segundo REGHIN (2014, p. 06), os Movimentos Sociais, sua definição, seus/suas participantes, atores/atrizes, demandas, causas, objetivos, processos, enfim, todas as singularidades que compõem essa expressão da vida em comunidade/societal podem ser, desse modo, explicadas por seu contexto, por linhas interpretativas e intérpretes que concordam em alguns pontos e se distanciam em outros. É por isso que para a autora, por exemplo,

(...) Comparar um movimento operário europeu do final do séc. XIX com movimentos mais recentes como as marchas de junho de 2013 no Brasil, ainda que, analiticamente, se encaixem na mesma categoria de movimentos sociais, pode vir a ser injusta se não atentarmos para questões temporais, conjunturais, conceituais e teóricas (REGHIN, 2014, p. 06).

O Movimento Estudantil na região Norte, por causa da distância dos grandes centros políticos, na década de 1960 mantinha a comunicação através de impressos estudantis enviados as várias entidades do país através de correspondências. Nesse tempo a que a região Norte concentrava a semiperiferia

da parte central do movimento estudantil. Já o Território Federal do Rio Branco, ainda mais isolado, era a própria periferia.

Essa afirmação resgata os pressupostos dos postulados de Peixoto & Figueiredo (2018, p.129) no que se refere as hierarquias globais entre centro, semiperiferias e periferias:

Base para a noção de sistema mundo, de Immanuel Walerstein, que percebe hierarquias globais entre centros, semiperiferias e periferias, concebida desde a América Latina e reescrevendo a história das relações desse continente na estrutura do poder mundial, a colonialidade do poder se refere de fato a todo o conjunto do poder global hegemônico. Daí a expressão englobante sistema-mundo/moderno-colonial, que associa as relações de colonialidade como um lado inseparável e obscuro da modernidade. Essa perspectiva é importante ao ponto de imprimir um novo paradigma na leitura da história mundial (PEIXOTO e FIGUEIREDO, 2018, p.129).

Sem ligação terrestre, e sofrendo com as secas constantes do Rio Branco, o movimento estudantil riobranquense, única representatividade do Movimento Social Organizado neste espaço, acabou construindo sua própria pauta local e não promoveu o debate político mais

acentuado em comparação as outras partes do país.

A União Riobranquense dos Estudantes Secundaristas (URES) era o único movimento social naquela época, e constantemente se isolava politicamente, frente a forte ligação da igreja católica com os políticos locais. Sendo a maioria dos seus integrantes filhos de pequenos comerciantes, fazendeiros ou agricultores, o Movimento Estudantil bem que tentava confrontar a elite local. Mas em sua grande parte, os próprios integrantes do movimento eram parte desse seletivo grupo. Uma elite pobre em comparação com o restante do país.

A URES nasceu, nesse período, em uma sociedade de acordos tendo a elite com a palavra final, como afirmou o professor Jaci Guilherme Vieira, na pesquisa Missionários fazendeiros e índios: a disputa pela terra, (2007, p. 139), ao fazer uma citação do escritor Aimberê Freitas (1993) do livro História Política e Administrativa de Roraima - 1943-1985.

(...) Exemplos desse bom relacionamento não faltam. No Governo do Capitão José Maria Barbosa, que esteve no comando do

Território de 1955 a 1958, os maiores elogios são feitos ao bispo Dom José Nepote, que esteve à frente da Prelazia por 18 anos. "Na minha época", afirmava o governador, "havia era muita paz, não havendo qualquer tipo de conflito". "No meu governo", voltava a afirmar, "havia um excelente relacionamento com a Igreja católica, notadamente com o bispo, que era meu amigo particular". (Vieira, 2007, p. 139).

3 A colonialidade do Movimento Estudantil Riobranquense

Segundo MBEMBE (2021, p.38), não temos como separar o princípio de colonialidade das ações de demarcação e afirmação do controle físico e geográfico de uma chamada "territorialização". Ou seja, as relações espaciais. Nesse contexto de espaço e isolamento do resto do país, surge a URES, que na década de 1950, seria a porta voz não só do segmento estudantil, mas de toda uma sociedade local que nessa época era formada por pouco mais de dezoito mil habitantes, (FREITAS, 2009, p. 28).

Desde a sua fundação, a URES continuava com pautas locais, focadas principalmente nos preços dos alimentos e condições de vida. As pautas nacionais

anti-imperialistas e políticas contra o fascismo quase não apareciam. A pauta local estava sempre em consonância com os interesses de grande parte da elite regional formada principalmente por pequenos comerciantes e fazendeiros. Uma cidade típica da colonialidade na Amazônia, como apontou Franz Fanon (1921, p.37-39), citado por Achille Mbembe (2021, p.41), "(...) A cidade do colonizado é uma cidade com fome, fome de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma vila agachada, uma cidade ajoelhada". FANON (1921, p.37-39).

A aproximação da entidade ao poder em alguns momentos fazia da URES parceira de governantes, seja com os prefeitos ou governadores que ocupavam suas funções, como na matéria com o título da manchete: *Aniversaria hoje o Governador Djacir Cavalcanti de Arruda, na edição do O Estudantil de 26 de junho de 1961.*

O dia de hoje assinala o transcurso da data natalícia do Dr. Djacir Cavalcanti de Arruda, digníssimo Governador do Território Federal do Rio Branco. A passagem de tão auspicioso

acontecimento, motivo de satisfação e alegria dos seus amigos, admiradores e do povo, enseja a oportunidade de testemunharmos ao ilustre aniversariante, através de espontâneas manifestações e homenagens de apreço, carinho e solidariedade, o respeito, a veneração e a amizade sincera e leal que dedicamos ao digno e honrado condutor dos destinos de nossa terra. (O ESTUDANTIL, 1961, p. 01).

Para REGHIN (2014:19), ao citar GOHN (1997, p.13), quando do recorte espaço-territorial a princípio, e o temporal, o primeiro paradigma apresentado a cerca dos Movimentos Sociais foi desenvolvido na América do Norte. Segundo ela, os principais expoentes eram adeptos das correntes psicossociais, da sociedade de massas, sociopolítica, funcionalismo e das teorias organizacionais-comportamentalistas, o que já fornece o gancho da forte influência do campo da psicologia para compreensão dos Movimentos Sociais.

GOHN (1997), aponta para o paradigma clássico norte americano, desenvolvido aproximadamente entre 1930 até a década de 1960 com o seu eixo central, girando em torno da "(...)

teoria da ação social e a busca de compreensão dos comportamentos coletivos (...) analisados segundo um enfoque sociopsicológico". Lembra a autora que "(...) a ênfase na ação institucional, contraposta a não-institucional, também era uma preocupação prioritária", GOHN (1997, p.23).

É bem claro, esse primeiro paradigma fazer parte das ações vividas pela URES e seus autores enquanto único movimento social atuante desde a sua fundação até 1964: uma sociedade elitizada vivendo dentro de convicções coloniais, mais inquieta, com fome, sofrendo coletivamente em virtude do isolamento social.

4 O Interacionismo Simbólico e o Movimento Estudantil Riobranquense

Segundo REGHI (2014, p.19), ao citar Gohn (1997, p.25), caracteriza-se cinco as correntes dessa primeira fase compreendida como "teoria da ação social e a busca de compreensão dos comportamentos coletivos (...) analisados

segundo um enfoque sociopsicológico. A ênfase na ação institucional, contraposta a não-institucional, também era uma preocupação prioritária” (GOHN, 1997: 23)

Apontamos aqui a primeira corrente, como uma das mais importantes por fazer parte dessa ligação com a pesquisa. Ela é definida como se atribui um papel central à interação entre o indivíduo, a partir de suas subjetividades psicológicas, e a sociedade, nas suas transformações. Esse método foi gestado na “Escola de Chicago”, por alguns interacionistas simbólicos do início deste século XX. Como um dos produtos desta corrente temos a primeira Teoria sobre Movimentos Sociais, apresentada no trabalho de Herbert Blumer (1949).

Segundo REGHIN (2014, p. 19),

A Escola de Chicago se destacou nos estudos concernentes as transformações decorrentes do acelerado processo de urbanização e as suas consequências que assolavam a cidade, assim como aquelas provenientes da sociedade industrial na Inglaterra. Da mesma maneira, impulsionou sociólogos a buscar explicações para novos fenômenos, como, nesse caso, os conflitos gerados pelas mudanças sociais. O método concebido por essa escola ficou conhecido como Interacionismo

simbólico e atribui um papel central à interação entre o indivíduo, a partir de suas subjetividades psicológicas, e a sociedade, nas suas transformações.

O isolamento geográfico vivido pela a população do Território Federal do Rio Branco na década de 50 e 60, trás como protagonista os estudantes da URES. Eles criaram uma pauta própria, em alguns momentos aliados com o poder local. Colocaram a reivindicação de necessidades de sobrevivência acima das pautas políticas nacionais. As crises na falta de abastecimentos de gêneros alimentícios e o alto preço de produtos como o da carne, criou um sentimento de revolta com o poder central. Em alguns casos a Amazônia, semiperiferia do processo, não correspondia o seu “abastecimento”; tornando o Território Federal do Rio Branco, uma periferia dessa “territorialização”. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, os estudantes da URES usaram o Jornal O Estudantil como forma de expressar seus sentimentos de revoltas e a esperança por dias melhores.

Como BLUMER (1949) apresentou o estudo sobre o interacionalismo simbólico ao definir movimentos sociais como “empreendimentos coletivos para estabelecer uma nova ordem de vida. Eles surgem de uma situação de inquietação social, derivando suas ações dos seguintes pontos: insatisfação com a vida atual, desejo e esperança de novos sistemas e programas de vida” (GOHN,1997, p. 30).

O Jornal O Estudantil, relata uma das crises vividas pelos moradores do Território Federal do Rio Branco no ano de 1961,

(...) Os poderes públicos embora façam os maiores esforços dentro de suas possibilidades, não conseguem suprir imediatamente a carência dos principais produtos que a cidade consome. A principal causa desta catástrofe que todos os anos paira sobre nós é que a nossa única e principal via de transporte marítimo fica paralisada, dado o estado em que se encontra atualmente o Rio Branco, ficando assim a capital sem qualquer socorro marítimo (...). (O ESTUDANTIL, 1961, p.01)

(...) O mercado público é palco das mais tristes e imperiosas cenas, quando os pais de famílias procuram em vão, sem encontrar um único alimento capaz de satisfazer as exigências do organismo humano. Nas margens dos

rios presenciamos dramas dos mais chocantes, quando à busca do peixe, centenas de pessoas ali ficam lamentando a situação crítica e bastante faminta de nossa cidade. Providências já foram tomadas e esperamos que dentro de breves dias - a cidade boa-vistense volte a ter sua vida normal, sobrevivendo assim, a sua população, de mais um verão forte e impiedoso, faminto e abrasador (...) (O ESTUDANTIL, 1961, p. 01).

5 O Estudantil

No período de 1960 a 1964 a União Riobranquense dos Estudantes Secundaristas, (URES), circulou com o seu informativo denominado de O Estudantil. [Apesar de se tratar de um jornal estudantil, nas primeiras edições, a tendência editorial do impresso é voltada para o religioso (...)] NEVES (2012, p. 77).

A primeira edição do O Estudantil segundo NEVES (2012, p. 77), circulou [(...) no dia 10 de outubro de 1960 com o lema “Órgão independente e noticioso da URES”]. As primeiras edições do “O Estudantil” foram datilografadas e impressas em um mimeógrafo, com seis páginas em papel sulfite. A última edição do impresso, circulou em 26 de fevereiro de 1964, um mês que antecede o golpe empresarial-militar. Nesse mesmo ano, o

presidente da URES era o estudante e hoje jornalista, Galvão Soares. Em 1960, ele que fundou juntamente com o padre da igreja católica Engênio Possamai o jornal O Estudantil.

A URES foi fundada em 27 de julho de 1952, e durante esses doze anos de atividades, o isolamento com o resto do país, provocou o que Gohn. (1997), define como carência social. Isso motivou a entidade a seguir uma linha de ações mais pautadas, direcionadas e (num primeiro momento) alinhadas com a igreja católica; e, depois, com as alianças governamentais para a impressão do seu informativo na gráfica da imprensa oficial.

A preferência de se opor a fazer um debate mais politizado como faziam as duas entidades nacionais, UNE e UBES, conforme Gohn (1997) e Reghin (2014),

Se encaixam, assim, em tipologia criada posteriormente, junto com as teorias das carências sociais, ou seja, os movimentos sociais surgem como respostas a carência decorrentes das mudanças sociais. O autor, a fim de sistematizar sua obra, elabora diferentes categorizações de acordo com os objetivos dos movimentos sociais que podem ser genéricos (que seguiriam tendências culturais sem se ater a um objetivo específico e palpável), específicos (cristalizações e

aprofundamentos dos anteriores – podem ser reformistas ou revolucionários) e expressivos (movimentos da moda, como religiosos, artísticos, filosóficos). Há em sua obra, um forte apelo à ordenação social, o papel dos indivíduos, com um destaque para a liderança, e uma ideia processual dos movimentos que podem surgir despreziosos, mas assumem, após a euforia inicial e aprendizado organizacional, um importante papel de organização e cooperação entre os indivíduos (REGHIN, 2014, p. 19-20).

O jornal O Estudantil, no período de quatro anos que vai de 1960 e termina no ano de 1964 conseguiu circular em vinte e duas edições. No mês seguinte ele foi fechado, assim como todos os movimentos sociais, sindicais e estudantil do país em detrimento ao golpe empresarial - militar que ocorreu no país.

6 A URES e a virada decolonial

Em 05 de outubro de 1988, o Território Federal de Roraima passa a condição de Estado da federação. É nesse mesmo ano, no dia 11 de novembro que a URES volta a ser reconstruída. Segundo Neves (2012, p.49), a primeira grande manifestação feita pelos estudantes secundaristas pós-golpe empresarial-

militar de 1964, ocorreu ainda naquele ano, contra o Governador biônico Romero Jucá Filho.

Os estudantes protestaram contra Jucá que determinou que o prédio do Palácio da Cultura, que teve sua obra concluída em 1974, na gestão do Governador Coronel Hélio da Costa Campos, e que abrigava a biblioteca pública, um museu e um auditório, passasse a ser o prédio da nova Assembleia Legislativa do Estado.

Outra obra oficial de grande destaque para a composição do Centro Cívico foi o Palácio da Cultura. Concluída no ano de 1974, a obra abrigaria a biblioteca pública, um museu e um grande auditório, até que, no ano de 1988, o prédio foi fechado para reforma e, dali em diante tornou-se a sede do Legislativo Estadual (MARTINS, 2011, p.09).

Um abraço no quarteirão do prédio foi organizado pelo Movimento Estudantil como ato simbólico. Outras manifestações ocorreram, com uma pauta aliada com o recém-criado Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de Roraima (SINTER), em defesa da escola pública. Segundo Neves (2012, p. 50), nos anos de 1991 a 1993, os estudantes

saíram às ruas de Boa Vista e pressionaram a Câmara Municipal a votar as leis que assegurassem a meia passagem no transporte público e a meia entrada em eventos culturais aos secundaristas e universitários.

Percebemos nessa nova URES que surgia, um giro decolonial, com mudança no espaço-tempo de onde/quem fala, com mudança de linhagens e as referências, sem esquecer do passado como referência. Para Peixoto e Figueiredo, ao citar Galeano (1983) e Ballestrin (2013), ao demandar uma “fala sobre nós”, estamos de acordo com as/os teóricas/os que se identificam pela corrente “neocolonial” “pós-colonial” ou “decolonial” que, assim como as demais, não possui apenas uma linha de interpretação, mas convergem no reconhecimento, no nosso caso, da América Latina enquanto uma região geográfica-política particular.

Pode-se apontar um processo análogo decolonização, exploração, imposição cultural, abuso de sua terra, suas riquezas, suas águas, suas vidas e

seus saberes, ou seja, uma região que viu expropriados seus 'recursos' ambientais e humanos e apropriados por outras regiões (GALEANO, 1983).

Há inclusive a compreensão do surgimento da modernidade associado ao processo de colonização da América, de modo que se torna insuficiente historicizar essa região sem levar em conta os processos colonizadores e suas consequências (BALLESTRIN, 2013).

A URES, com suas lideranças estudantis assumindo também esse papel de único Movimento Social Organizado no período do Território Federal do Rio Branco (na década de 1950) e depois Território Federal de Roraima (na década de 1960), passa a ter essa "libertação" de pautas reivindicatórias somente a partir da década de 1980.

A era das reivindicações colonialistas e de alianças com a elite terminava? Pelo menos até o ano de 1997, segundo Neves (2012), o Movimento Estudantil liderado pela URES apontou para essa virada decolonial.

Segundo NEVES (2012, p. 54), no ano de 1997 a URES, lança o slogan: "movimento estudantil, forte, unido e atuante".

Nesse mesmo período, a união entre os estudantes é motivo de destaque na imprensa local, em decorrência do trabalho conjunto envolvendo as diversas entidades estudantis levando milhares de estudantes às ruas da cidade. Vários grêmios estudantis foram fundados.

Tivemos até dois grêmios atuando na mesma escola, como é o caso da Escola de Formação de Professores de Boa Vista – EFPBV, com o Grêmio Estudantil "Geraldo Vandré", ligado a corrente política do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados – PSTU e do Partido Comunista do Brasil – Pcdob e o Grêmio Estudantil "Paulo Freire", fundado por correntes políticas ligadas a atual gestão da URES e a setores do Movimento Revolucionário 8 de Outubro / MR-8. (NEVES, 2012, p. 54)

Para NEVES (2012, p.91), "(...) algo de novo está acontecendo no mundo. Existe um ar de revolta contra o velho sistema que se encontra enraizado na cultura mundial. A juventude precisa buscar respostas para tudo isso (..)".

Sujeitos e atores estão em cena!

Considerações Finais

O movimento estudantil brasileiro em diversos momentos do cenário político brasileiro, foi o protagonista das lutas sociais. A ação dos estudantes ocorreu em diversos acontecimentos da história, exemplo: a expulsão dos “franceses” do Rio de Janeiro em 1710, ainda no período colonial; ou recentemente nas jornadas de junho de 2013 que levaram milhares de pessoas às ruas. “(...) pareciam um enigma. Nem a alta do dólar ou o aumento da inflação podiam ser o motivo decisivo das revoltas.” (SECCO, 2013, p.71).

O que move essa juventude? Fazemos uma análise dentro dessa linha temporal, da ação dos secundaristas no período do império, passando pela república, e por um período muito longo da ditadura empresarial-militar, até chegar nas diretas já, impeachment de Fernando Collor, eleição de um governo progressista e por fim na eleição de um presidente negacionista e que não acredita na ciência.

Esse mesmo movimento estudantil tinha na orientação de suas entidades uma pauta de lutas em defesa da escola pública e de uma educação de qualidade. Em todos esses momentos, o movimento estudantil esteve presente. Até mesmo nas jornadas de 2013, iniciadas sob a bandeira de luta por um transporte público digno e barato.

“(...)Os bondes virados, os trens apedrejados, os ônibus incendiados, os catracasos, os muros pixados com as vozes das ruas, as barricadas erguidas contra os sucessivos aumentos das passagens” (Movimento Passe Livre, 2013, p.13).

Mas o recorte nestas considerações finais, tem o movimento estudantil riobranquense, como pano de fundo ao pesquisar através do jornal O Estudantil a memória e a identidade coletiva dos estudantes do Território Federal do Rio Branco. A URES como articuladora do referido jornal assume nesse período, de 1960 a 1964 o papel de protagonista dos movimentos sociais da localidade.

Esse mesmo espaço enquanto território geográfico, que enfrentava anualmente o total isolamento através das vias fluviais em virtude da seca. É nesse cenário “pré apocalíptico” e de periferia que vivia os estudantes riobranquenses, distantes das pautas nacionais, políticas e de lutas, para defender uma plataforma local junto com a população, contra o aumento do preço da carne e contra a falta de gêneros alimentícios provocados pelo isolamento da cidade. A nível nacional, as reivindicações eram políticas e contrárias aos governantes que em sua maioria tinha o movimento estudantil como adversário nas disputas diárias. Mas não é o caso do movimento estudantil riobranquense. Não nesse período que antecede o golpe empresarial-militar ocorrido em 1º de abril de 1964.

Fica bem claro, as articulações de aproximação com o poder local, no intuito de fazer a impressão do jornal O Estudantil, na gráfica governamental. Sem falar do imenso espaço político ocupado pela URES dentro do território, servindo

em vários momentos como a única voz da sociedade local.

Esse giro decolonial só vai ocorrer décadas depois, quando da reconstrução da URES em 1988 e o surgimento de novas lideranças nos anos seguintes sob as ordens orquestradas dos partidos de esquerdas dentro do cenário político brasileiro. Nesse processo, novamente, a imprensa será de fundamental significância para o registro da memória e a consolidação identitária do movimento estudantil roraimense.

O fluxo continua.

Referências

ANIVERSARIA HOJE O GOVERNADOR DJACIR CAVALCANTI DE ARRUDA. O Estudantil, Boa Vista, 26, junho, 1961.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 11, p. 89-117. maio-ago. 2013. [http:// dx.doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004](http://dx.doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004)

BLUMER, Herbert. 1939. **"Collective Behaviour"** in PARK. R. (ed.) An Outline of the Principles of Sociology. Nova York, Barnes E Noble. --, 1951. "Social Movements", in Lee, Alfred. Principles of Sociology. Nova York, Barnes E Noble.

BILAC, Olavo & NETTO, Coelho. **Contos Pátrios**. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1931, 27ª ed. UNICAMP.

CRISE. O Estudantil, Boa Vista, 28, maio, 1961.

FANON, Fran. **The Wretched of the Earth**, trad. C. Farrington. Nova York: Grove Weidenfeld, 1991, p. 39.

FREITAS, Aimeré. **História Política e Administrativa de Roraima. 1943-1985**. Manaus. ed. Hulberto Calderaro; 1993. pág. 127

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 16ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra (1976) 1983

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

MARTINS, Elisângela. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011, Memórias de disputas e disputas pela memória na praça central de Boa Vista, RR.**

MBEMBE, Achille. **Necropolítica, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad. Renata Santini - São Paulo: n-1 edições. 2018.

MILHOMES, Lucas e GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Amazônia: Da ditadura civil-militar aos grandes projetos da atualidade**. Cadernos CERU, série 2, vol. 29, n. 2. dez. De 2018.

Movimento Passe Livre. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**/ Ermínia Maricato -

1 ed. - São Paulo : Boitempo: Carta Maior , 2013.

NEVES, Paulo Thadeu Franco das. **Coração de Estudante: Memórias de um militante**. Boa Vista: Editora Boa Vista, 2012.

PEIXOTO, Rodrigo. FIGUEIREDO, Kércia. **Decolonialidade e sociologia na América Latina** / Edna Castro, Renan Freitas Pinto, organizadores. – Belém: NAEA: UFPA, 2018.

POENER, Artur José. **O Poder Jovem - História da participação política dos estudantes brasileiros**. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1979.

REGHIM, Mariane Silva. **Movimentos Sociais e o pensamento decolonial: da abordagem hegemônica à geografia do conhecimento**. Monografia, Curso de Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014.

RODRIGUES, Edgar. **Pequena história da Imprensa Social no Brasil**. Editora Insular. Santa Catarina, 1997.

SECCO, Lincoln. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**/ Ermínia Maricato - 1 ed. - São Paulo : Boitempo: Carta Maior , 2013.

VIEIRA, Jaci Guilherme Vieira. **Missionários fazendeiros e índios: a disputa pela terra**. Boa Vista , Ed. UFRR, 2007.